

# Trotsky e a Revolução Russa à luz da teoria da revolução permanente

VALÉRIO ARCARY\*

*Considerada à parte, a Revolução de Fevereiro era uma revolução burguesa. Mas como revolução burguesa, era demasiadamente tardia, não encerrando em si nenhum elemento de estabilidade. Dilacerada por contradições que imediatamente se manifestaram pela dualidade de poder, deveria transformar-se em introdução direta à revolução proletária — o que veio a acontecer — ou então, sob um regime de oligarquia burguesa, lançar a Rússia num estado semicolonial. Por conseguinte, o período consecutivo à Revolução de Fevereiro poderia ser considerado, quer como um período de consolidação, de desenvolvimento ou de conclusão da revolução democrática, quer como um período de preparação da revolução proletária. (Trotsky, 1924)*

A Revolução Russa se destaca por três elementos decisivos que a distinguem de todas as outras revoluções socialistas do século XX: (a) *o sujeito social dirigente e polarizador do descontentamento popular foi, indiscutivelmente, o proletariado urbano*, que acaudilhou as outras classes, em particular, a imensa massa camponesa e a população das nacionalidades oprimidas, que constituíam a maioria da população; (b) *a auto-organização popular, nas fábricas, nos bairros populares, nas forças armadas, e nas aldeias camponesas, na forma dos conselhos ou sovietes, permitiu a mais avançada experiência de democracia direta conhecida até então* (primeiro, como duplo poder “institucionalmente” organizado e, nos primeiros anos depois de Outubro, como órgãos de soberania popular sobre o Estado); (c)

---

\* Professor de História do Instituto Federal de São Paulo. E-mail: arcary@uol.com.br.

existiu *uma direção internacionalista* que acreditava que o projeto da Revolução Russa dependia, como questão de vida ou morte, do triunfo da revolução europeia em geral, e da Revolução Alemã em particular.

## A história da teoria e a teoria na história das revoluções

O debate sobre a natureza da revolução é um dos mais instigantes da teoria da revolução do marxismo e remonta à velha polêmica entre a teoria da revolução por etapas e a teoria da revolução permanente.<sup>1</sup> A dialética entre a força de pressão de tarefas históricas inconclusas, a resistência reacionária da burguesia e a disposição de luta dos sujeitos sociais resume a teoria da revolução permanente, seja qual for a sua versão, desde Marx até hoje.<sup>2</sup> O substitucionismo social, o núcleo “duro” da teoria, se apoia na compreensão de que, considerado o estágio de desenvolvimento

1 Duas características-chave da experiência do Outubro russo não voltaram a se repetir: nem o proletariado foi a classe social dirigente, nem foram partidos marxistas internacionalistas que estiveram à frente das revoluções. Mas as revoluções do pós-guerra (China, Vietnam, Coreia, Cuba etc.) confirmaram a teoria da revolução permanente na sua essência. A pressão objetiva que está na raiz do processo de substitucionismo social, ou seja, a força da necessidade histórica se manifestou com tal intensidade e em tão elevado grau que levou as direções políticas desses processos muito além do que eram as suas intenções originais. A defesa da engrenagem de radicalização que leva à necessidade da ruptura com a burguesia, prevista por Trotsky, para cumprir as tarefas democráticas, se confirmou em uma escala imprevista. A revolução agrária na China e em Cuba colocou a necessidade da independência nacional e a ruptura com o imperialismo. E de forma ainda mais aguda, a necessidade de defender a revolução, cercada em um país pela contrarrevolução implacável, exigiu a expropriação capitalista. Mesmo que de uma forma limitada colocou, também, a defesa da extensão mundial da revolução. Por isso, a radicalização operária e juvenil dos anos 1960, à margem tanto da social-democracia quanto do estalinismo pró-Moscou, procurou no maoísmo, pelas posições de esquerda dos chineses, entre 1956 e 1974, e no castrismo, pelo exemplo internacionalista do Che, uma inspiração. Uma das amargas ironias da História, portanto, é que, mesmo tendo visto a essência de seus prognósticos confirmada, a corrente política herdeira das posições de Léon Trotsky, a Quarta Internacional, permaneceu marginal.

2 É frequentemente ignorado que a onda revolucionária europeia, em 1848, era pensada por Marx com uma dinâmica de revolução permanente também na dimensão internacional, sem a qual seria insólita a perspectiva de vitória de uma revolução na Alemanha. A citação que se segue de Hal Draper é nesse sentido esclarecedora: “Marx nunca esperara que o movimento ganhasse sozinho em uma atrasada Alemanha, se limitado apenas às forças alemãs. Ele olhou para a Alemanha como um campo de batalha em uma guerra europeia (a revolução), e geralmente um campo secundário. *Isso acrescenta outra dimensão ao conceito de revolução permanente; pois vê o curso da revolução à escala europeia, procedendo ‘em permanência’ (em ondas contínuas) de um país para outro. Esta interação de país a país tem dois aspectos: o papel dos países mais avançados (mais industrializados) em relação a outros onde a burguesia ainda não havia conquistado o poder político; e o papel dos países opressores em relação às nacionalidades oprimidas [...]* a expressão precoce mais conhecida em Marx é a última frase de sua introdução à crítica de Hegel em 1844: ‘Quando todas as condições interiores forem cumpridas, o dia de ressurreição da Alemanha será anunciado pelo canto do galo gaulês’. (Ele continuou a expressar essa mesma opinião até 1848.) *Mais importante, essa perspectiva internacional tornou-se um ingrediente básico da revolução permanente, especialmente através da experiência de 1848/49. Aqui também, a origem do termo revolução permanente na Revolução Francesa desempenhou um papel condicionante. Podemos nos lembrar da observação inicial de Marx de que Napoleão havia substituído a ‘revolução permanente pela guerra permanente’. O significado histórico das guerras napoleônicas foi que elas espalharam a revolução burguesa para outras partes da Europa, ou seja, tornaram a revolução ‘permanente’ (em curso) em escala internacional, ainda que limitando a revolução em casa”.* (Draper, 1978, p.241, grifo e tradução nossos).

em escala internacional, a gravidade da crise revolucionária ou a impossibilidade de adiamento da satisfação das necessidades sociais exercem um grau tão elevado de pressão, que as tarefas que, historicamente, corresponderiam a uma classe, mas que, pelas mais diferentes razões, faltou ao seu encontro com a História, passariam a ser cumpridas por outra. Era, talvez, nesse sentido que Marx pensava o famoso “a História não se coloca problemas que não possa resolver”.

Claro que o próprio Marx foi sempre muito cauteloso em retirar conclusões teóricas apressadas. Por isso, só esboçou a possibilidade de substituição da burguesia como sujeito social, e ainda assim, em um texto essencialmente “alemão”: a famosa “Mensagem (do Comitê Central) à Liga dos Comunistas”. Apresentou nessa mensagem uma proposta que trabalhava com a hipótese de que a pequena burguesia poderia substituir a burguesia na revolução democrática, abrindo o caminho para a entrada em cena dos trabalhadores. Ou seja, uma reedição da experiência jacobina, mas que deveria ir além, através da entrada em cena do proletariado para fazer a revolução permanente, transformando a revolução política democrática em revolução social anticapitalista.<sup>3</sup>

Como sabemos, esta hipótese não se verificou, ou só se manifestou, muito parcialmente, e foi derrotada nas revoluções de 1848. As transições tardias assumiram, finalmente, formas não revolucionárias, tanto na Alemanha (o regime bismarckista, com seu esdrúxulo equilíbrio de forças sociais, que permitiu o aburguesamento dos *junkers*, sem revolução camponesa, e a industrialização capitalista sem desmoronamento do Segundo Reich), quanto, em muito menor medida, na Itália.

A explicação “última” para esse processo tortuoso está em uma dialética entre revolução e reforma, que escapa às análises que perdem a referência da dimensão internacional da transição burguesa: é porque a burguesia francesa ensaiou, mesmo que “com o freio de mão puxado”, uma segunda revolução para derrotar a Restauração, em 1830, que a burguesia alemã renunciou à sua revolução de “1789” em 1848. Alertada pelo exemplo de Paris para o despertar das novas forças sociais proletárias, sobretudo, na insurreição de Junho de 1848, preferiu uma solução de compromisso com os “terratenentes” prussianos e tolerou o bismarckismo até quase o final do século XIX. Só então a burguesia alemã se sentiu mais con-

3 Como hoje a expressão “revolução permanente” está associada de forma irreversível à tradição política inspirada no pensamento de Léon Trotsky, alguns esclarecimentos são indispensáveis para evitar confusões. O conceito “revolução permanente” era corrente nos meios de esquerda no final dos anos 1840. Sua origem, ao contrário de um mito histórico recorrente, não era blanquista. Mais do que uma referência histórica de 1789, era um *slogan* de uso bastante generalizado, e muito amplamente aceito, para além dos círculos comunistas, até entre alguns democratas. A seguir temos o último parágrafo do famoso Adresse: “Mas a máxima contribuição para a vitória final será feita pelos próprios operários alemães, tomando consciência dos seus interesses de classe, ocupando o quanto antes uma posição independente de partido, e impedindo que as frases hipócritas dos democratas pequeno-burgueses os afastem por um instante sequer da tarefa de organizar com toda independência o partido do proletariado. Seu grito de guerra há de ser: a revolução permanente” (Marx; Engels, 1980 [1850], p.92).

fortável, representada por um regime democrático/semibonapartista, construído por cima, através de reformas controladas, entre as quais a legalidade do Partido Social Democrata da Alemanha (SPD) sempre foi uma das questões centrais de disputa. Todas essas observações são ainda mais pertinentes para compreendermos os conflitos sociais na época mais revolucionária da história da humanidade.

### **A natureza da Revolução Russa**

No século XX, a engrenagem da revolução permanente resumiu as leis fundamentais do processo revolucionário contemporâneo: confirmou-se de tal maneira e em tal escala que fazem os prognósticos, tanto os de Marx quanto os de Trotsky, parecerem muito tímidos. O substitucionismo social ultrapassou tudo o que as mentes mais audaciosas pudessem prever, e quem sabe, o que ainda nos está reservado no futuro.

A teoria da revolução permanente foi a principal contribuição de Leon Trotsky após a derrota da Revolução Russa de 1905. Tinha como argumento forte, na formulação original do livro *Balanço e perspectivas*, a perspectiva de que mesmo em países retardatários como a Rússia, que chegaram atrasados às transformações capitalistas – portanto, em que as tarefas históricas da revolução burguesa não tinham sido realizadas –, estaria reservado ao proletariado a necessidade de ser o sujeito social na liderança da revolução democrática em aliança com todos os oprimidos, em especial, a maioria camponesa e as massas das nacionalidades, sob o jugo da tirania de Moscou. Defendia que a vitória na revolução contra o czarismo deveria ser a antessala de uma segunda revolução em processo ininterrupto, em permanência, contra o capital.

É possível que os operários conquistem o poder num país economicamente atrasado antes de o conquistarem num país avançado. Em 1871, os operários tomaram deliberadamente o poder na cidade pequeno-burguesa de Paris; só por dois meses, é verdade, mas, nos centros ingleses ou americanos do grande capitalismo, os trabalhadores nunca tiveram o poder, mesmo por uma hora, nas suas mãos. Imaginar que a ditadura do proletariado depende, de algum modo automaticamente, do desenvolvimento e dos recursos técnicos de um país, é tirar uma conclusão falsa de um materialismo “econômico” simplificado até ao absurdo. Este ponto de vista nada tem a ver com o marxismo [...] Afirmando que a nossa revolução é burguesa nos seus objetivos e, por consequência, nos seus resultados inevitáveis, fixam-se limites a todos os problemas que levanta esta revolução; *mas isto quer dizer que se fecham os olhos perante o fato de o autor principal nesta revolução burguesa ser o proletariado, que todo o curso da revolução empurra para o poder. Poder-se-ia então argumentar dizendo que, no quadro de uma revolução burguesa, a dominação política do proletariado será simplesmente um episódio passageiro; seria esquecer que, uma vez que o proletariado tenha o poder nas mãos, não o cederá sem opor uma resistência desesperada; este poder só poderá ser-lhe subtraído pela força das armas.* (Trotsky, 1906)

Considerando a maturidade de condições históricas, definidas internacionalmente, estaria colocada a possibilidade de substitucionismo social e um desenvolvimento por saltos históricos. Essa análise se fundamentava na teoria do desenvolvimento desigual e combinado. O capitalismo russo reproduziu, no percurso da passagem protelada da sociedade agrária para a urbano-industrial, um traço peculiar no desenvolvimento dos Estados com regimes obsoletos. Mas o fez em uma escala imensa, comparativamente, mais intensa: o amálgama de formas mais modernas e as mais arcaicas resultou numa formação econômico-social especialmente peculiar. Nela, o atrasado condicionava a existência do mais avançado e, vice-versa, o mais moderno impunha uma totalidade que era maior e mais complexa que a soma das partes.

Toda formação econômico-social em países retardatários convive com contradições internas dilacerantes, expressão do desenvolvimento desigual e combinado: *a estrutura social mesma se atrasa em relação ao desenvolvimento das forças produtivas*. Grandes massas camponesas no campo, às vezes, numericamente muito expressivas, subsistem muito tempo depois da penetração da grande indústria, assim como se perpetuam resíduos de classes médias de artesãos e comerciantes nas cidades, embora suas atividades estejam ameaçadas economicamente pelo progresso técnico e pela concentração do capital. Disto resulta que relações sociais arcaicas e obsoletas são uma obstrução à penetração de relações modernas e avançadas, mas como o desenvolvimento é desigual, surgem amálgamas desproporcionais: às vezes, o vigor das novas relações serve como *um impulso adiante*, mas outras vezes, contraditoriamente, reforça e cristaliza uma ordem social-política inferior. *As forças de inércia histórica*, em mais de um sentido, são muito poderosas: elas retardam os processos de transformação social.

### **Trotsky e as perspectivas do Estado soviético na década de 1930**

O mesmo tema do substitucionismo social ressurgiu, em outras condições, no final dos anos 1930, quando a questão teórica chave era a avaliação da natureza histórico-social da URSS depois do grotesco horror dos processos de Moscou. Seria ainda a URSS um Estado dos trabalhadores, ainda que burocraticamente degenerado? Ou a questão mais decisiva do ponto de vista político: qual seria seu futuro mais provável? Que classes ou castas seriam os sujeitos da contrarrevolução numa formação social como a russa? Poderia a burocracia ser um aliado dos trabalhadores resistindo a um processo de restauração capitalista? Ou, sob a pressão avassaladora do mercado mundial, a casta burocrática buscaria a sua assimilação como camada burguesa associada?

Trotsky previu que, se a revolução mundial não avançasse, seria uma questão de tempo até a burocracia abraçar o projeto de se transformar em classe proprietária. Ainda que construísse os seus prognósticos em torno do conceito de acidente histórico, por insistir na definição do stalinismo como um fenômeno sem

perenidade, Trotsky não descartava a eventualidade de estar errado e reconhecia, como exercício teórico, a possibilidade de uma maior longevidade das sociedades burocráticas. Esta era a tese da sociedade “totalitária”, em que o congelamento das relações sociais imposto pela repressão bloquearia qualquer fator de impulso interno, dependendo a sua ruína de um choque externo, tese de Hannah Arendt que, finalmente, o curso dos acontecimentos na URSS desde 1985, com Gorbachov, se encarregou de desmentir.

Vejamos o que dizia Trotsky sobre o tema:

*Se inversamente, um partido burguês derrubasse a casta soviética dirigente encontraria não poucos servidores entre os burocratas de hoje, os técnicos, os diretores, os secretários do partido, os dirigentes em geral. Uma depuração dos serviços do Estado impor-se-ia igualmente neste caso; mas a restauração burguesa teria com certeza de afastar menos gente do que um partido revolucionário. O principal objetivo do novo poder seria restabelecer a propriedade privada dos meios de produção. Deveria, antes de mais, dar aos kolkhoses depauperados a possibilidade de formar lavradores abastados e transformar os kolkhoses ricos em cooperativas de produção do tipo burguês ou em sociedades por ações. Na indústria a desnacionalização começaria pelas empresas da indústria ligeira e da alimentação [...] Embora a burocracia soviética tivesse feito muito pela restauração burguesa, o novo regime seria obrigado a cumprir no terreno da propriedade e do modo de gestão, não uma reforma, mas uma verdadeira revolução. Admitamos, contudo, que nem o partido revolucionário nem o partido contra-revolucionário se apoderavam do poder e que é a burocracia que se mantém à frente do poder. A evolução das relações sociais não cessa. Não se poderá pensar evidentemente que a burocracia abdicará em favor da igualdade socialista. Como se sabe, apesar dos graves inconvenientes desta operação, ela restabeleceu as patentes e as condecorações; será pois inevitavelmente necessário que procure apoio nas relações de propriedade. Objetar-se-á provavelmente que pouco importará ao grande funcionário as formas de propriedade de onde tira os seus rendimentos. Mas isto é ignorar a instabilidade dos direitos do burocrata e o problema da sua descendência. O culto recente da família soviética não caiu do céu. Os privilégios que não se podem legar aos descendentes perdem metade do seu valor. Ora, o direito de legar é inseparável do direito de propriedade. Não basta ser diretor de truste, é necessário ser acionista. (Trotsky, 1980, p.175, grifo nosso)*

### **Acertos e erros**

O modelo teórico de Trotsky enterrava o esquematismo predominante no marxismo da Segunda Internacional, que nivelava as tarefas históricas e forças sociais em uma correspondência fixa: as tarefas democráticas deveriam obedecer sempre a um sujeito social burguês, portanto, a liderança social da revolução democrática teria que ser, necessariamente, a burguesia.

À luz da experiência histórica, quais foram os acertos e os erros das teses sobre a revolução permanente formuladas por Trotsky? O maior acerto foi a compreensão de que, na época do imperialismo, *todas as revoluções seriam, potencialmente, anticapitalistas*, mesmo quando começam como revoluções democráticas. Isto é, todos os fevereiros ou revoluções políticas democráticas têm uma possível dinâmica anticapitalista – inclusive quando o proletariado não tenha sido o sujeito social dirigente e tenha sido substituído por outras classes oprimidas. Em outras palavras, apesar do estágio maior ou menor de desenvolvimento capitalista da nação e, independentemente da maior ou menor maturidade do proletariado como sujeito social, as tarefas democráticas pendentes colocaram a necessidade de ruptura com o imperialismo. E, por essa via, com a propriedade privada, se a luta pelo programa democrático for levada, conseqüentemente, até ao fim. Os dois erros teriam sido: (a) a absolutização do papel do proletariado, como sujeito social dirigente; (b) a absolutização da necessidade de uma direção marxista internacionalista, como condição para o triunfo da revolução.

A história confirmou, por outro lado, que, sem protagonismo do proletariado, e sem Internacional revolucionária, todas as vitórias nacionais contra o imperialismo estão, fatalmente, ameaçadas pelo perigo da restauração capitalista.

### Referências bibliográficas

DRAPER, Hal. *Karl Marx's Theory of Revolution*. Nova York: Monthly Review Press, 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Mensagem do Comitê Central à Liga dos comunistas. In: *Obras escolhidas*, v.1. São Paulo: Alfa-Omega, 1980.

TROTSKY, Leon. *A revolução traída*. São Paulo: Global, 1980.

\_\_\_\_\_. *As lições de outubro*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1924/licoes/index.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. *Balanco e perspectivas, capítulo IV – A revolução e o proletariado*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1906/balanco/index.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

### Resumo

O texto examina brevemente a história da teoria da revolução permanente e a sua verificação nas revoluções do século XX. E conclui com uma indicação dos seus acertos gerais, mas indica erros presentes na teoria original.

**Palavras-chave:** Leon Trotsky, teoria da revolução permanente, Revolução Russa

### Abstract

The text briefly examines the history of the theory of the permanent revolution and its verification in the revolutions of the twentieth century. It concludes with an indication of its general correctness, but indicates errors present in the original theory.

**Keywords:** Leon Trotsky, theory of permanent revolution, Russian Revolution